

## ÉTICA DA JUSTIÇA E DO TRABALHO EM HESÍODO

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

Tratar da «Ética da justiça e do trabalho em Hesíodo» será falar das suas obras chegadas até nós, a *Teogonia* e os *Trabalhos e Dias*, dois poemas tematicamente muito distintos — o primeiro sobre a origem dos deuses e o segundo centrado nos trabalhos agrícolas e nos conselhos sobre a navegação —, percorridos um e outro por uma aguda noção de justiça, com o segundo a apresentar ainda um elevado conceito do trabalho.

Na *Teogonia*, Hesíodo vê deuses em tudo o que se lhe apresenta como vivo na natureza e acredita nos poderes divinos. Se não tivesse fé nos deuses que descreve, toda a *Teogonia* não teria sentido. Com os nomes divinos, como sublinha Bruno Snell, ele quer designar ou descrever o que existe, vive e tem significado no mundo<sup>1</sup>. É como se assistíssemos afinal a uma individualização e personificação sucessiva dos elementos, dos fenómenos e forças da natureza, dos acidentes físicos da Terra até nos encontrarmos na presença de deuses. Daí que possamos afirmar que Hesíodo faz preceder à *Teogonia* uma *Cosmogonia*, racionalizando assim a criação do Mundo<sup>2</sup>.

A *Teogonia* distingue duas linhagens de divindades: uma, que agrupa o que há de negativo, sombrio, maléfico, violento, encontra-se personificada na descendência da Noite e do Érebo; a outra — simbolizada nos mitos de Urano, Cronos, Zeus — caminha no sentido da ordem e da justiça, eliminando e separando com o tempo o que é temível e negativo. Vejamos cada uma delas com mais pormenor.

No início havia a negra Noite e Érebo, que é seu irmão, as duas faces das trevas do Mundo: respectivamente, a das partes superiores e a das partes subterrâneas e inferiores. Os dois são entidades do Caos que, como observa Pierre Grimal, não é «o vazio inexistente e negativo dos físicos e dos sábios, mas um vazio que é todo ele poder e

---

<sup>1</sup> - *A descoberta do espírito* (trad. port., Lisboa, 1992), p.72.

<sup>2</sup> - Vide G. S. Kirk, "The Structure and Aim of the Theogony", in *Hesiodo et son influence* (Entretiens Hardt VII, Genève, 1962), p. 91.

‘matriz’ do mundo, vazio por inorganização e não por privação, vazio porque é indescritível e não porque não é nada»<sup>3</sup>.

A Noite, depois de dar origem ao Éter — que é a luz brilhante e o fogo mais puro — e ao Dia, luz dos mortais, caminha sempre no sentido da personificação do negativo: Destino, Keres, Morte<sup>4</sup>, Sarcasmo, Miséria, as Parcas, Inveja, Engano, Velhice, Éris ou Luta que, por sua vez, gera Fadiga, Esquecimento, Fome, Dor, Combates, Massacres, Homicídios, Querelas, Mentiras, Disputas, Desordem, Desvario, e muitas outras personificações e figuras que se apresentam sempre como más e hostis na vida e na sociedade.

Na outra linhagem, assistimos a uma sucessão de soberanos dos céus que, em conduta cruel e violenta, se mutilam e destronam até que Zeus assume o poder e impõe a justiça<sup>5</sup>. Urano era violento e maltratava os filhos, encerrando-os nas profundezas subterrâneas. Por isso, foi mutilado por Cronos. Este não teve um comportamento menos violento e mais justo com os seus filhos, engolindo-os à nascença, até que Reia, no momento de dar à luz Zeus — por conselho de seus pais Gaia ou Geia e Urano, a quem foi suplicar que a ajudassem a castigar a insolência de Cronos — consegue salvar o filho e fazê-lo crescer em Creta, sem Cronos se aperceber. Ao chegar à idade adulta, Zeus, por meio da astúcia, obrigou primeiro Cronos a vomitar os outros filhos e venceu-o depois na longa luta da Titanomaquia. Após a vitória, solicitado pelos outros Olímpicos, tomou o poder e tornou-se soberano dos imortais, distribuindo entre os deuses as honras de cada um (*Teogonia* 881-885):

E quando os deuses bem-aventurados terminaram a sua tarefa  
e decidiram, pela força, as competências dos Titãs,  
então pediram, por sugestão da Terra,  
a Zeus Olímpico que vê ao longe, que fosse soberano e reinasse  
sobre os Imortais. E ele fixou-lhes as suas competências.

Se a Titanomaquia substituiu no poder os deuses primordiais, os filhos da Terra e do Céu, Geia e Urano, pelos Olímpicos — os filhos de Cronos e Reia —, no fim, aparece como decisivo para a continuidade de Zeus a distribuição de competências pelos vários deuses e o estabelecimento da ordem e da justiça. Em Hesíodo, a destituição de Urano por Cronos e a deste por Zeus não aparece

<sup>3</sup> - *A Mitologia Grega* (trad. port., Lisboa, 1989), p. 32.

<sup>4</sup> - São três palavras que se referem à morte. Mas em Hesíodo três diferentes palavras designam três diferentes coisas. Vide M. L. West, *Hesiod, Theogony* (Oxford, 1966, repr. 1988), p. 207 ad l. 140.

<sup>5</sup> - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, pp.75-76.

apenas como uma sucessão violenta. É antes um caminho ascensional para a ordem estabelecida por Zeus que se identifica com o triunfo da Justiça<sup>6</sup>. Assim, na opinião de Hesíodo, Urano e Cronos foram derrotados como castigo da sua violência e injustiça, enquanto Zeus se mostrou justo desde o começo e por isso o seu reinado foi duradouro.

Em outros aspectos e pormenores, no entanto, aflora a justiça de Zeus na *Teogonia*. Poeta didáctico, Hesíodo declara no proémio, através das Musas, filhas de Zeus e de Mnemósine ou Memória, que é a verdade que vai ensinar (vv. 26-28). Daí, possivelmente, considerar Calíope "a da bela voz", "a mais importante de todas" as Musas (v.79): é ela que acompanha os reis quando dão sentenças justas e põe doces palavras na boca do juiz que estabelece a paz. Assim, para Hesíodo, como nota Bruno Snell, "bela voz", além de som agradável, implica também o conteúdo<sup>7</sup>. No Catálogo das Nereides (vv. 243-262) também se detecta a mesma preocupação com a justiça em várias das designações dessas divindades marinhas: se tivermos em atenção que boa parte dos nomes são falantes e têm etimologias transparentes, torna-se significativo que nos apareça uma nereide chamada Temisto, a Justa ou Justiceira (v. 261)<sup>8</sup>.

Em conclusão, na *Teogonia*, a ordem firme e constante imposta por Zeus aparece por todo o poema, e é fundamento das considerações religiosas do poeta. O Crónida é assim «o que repartiu, por igual, todas as coisas entre os deuses» e fixou a cada um suas honras<sup>9</sup>.

Se passarmos ao poema *Trabalhos e Dias*, nele ainda ganha mais relevo a ideia de Zeus como ordenador justo<sup>10</sup>.

Apesar do título, toda a obra se centra na justiça e no trabalho: depois da invocação às Musas (vv. 1-10), Hesíodo reflecte e fornece-nos conselhos e máximas sobre uma e outro desses valores (vv. 11-382); refere o calendário agrícola (vv. 385-617); dá conselhos sobre a navegação (vv. 618-694); e indica os preceitos e comportamento a ter consigo e com os outros (vv. 695-764) — e não estou a deixar de lado a secção final, intitulada "Os Dias", os dias propícios ou nefastos a cada trabalho ou ocupação, se bem que essa parte da obra seja quase unanimemente considerada espúria<sup>11</sup>. Vou deter-me na primeira parte

<sup>6</sup> - Vide A. Lesky, «Griechischer Mythos und Vorderer Orient», *Gesamte Schriften* (Bern, 1966), pp.379-400.

<sup>7</sup> - *A descoberta do espírito*, p. 69.

<sup>8</sup> - Vide M. L. West, *Hesiod, Theogony*, p. 234 ad l. 235.

<sup>9</sup> - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, p. 74.

<sup>10</sup> - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, p.76-77.

<sup>11</sup> - Vide M. L. West, *Hesiod, Works and Days* (Oxford, 19), pp. 346-347.

que se dedica ao elogio do trabalho e da justiça e, significativamente, ocupa quase metade do poema.

Depois de anunciar que vai ensinar verdades a Perses, fala a seguir das duas ἔριδες (lutas), a má e a boa, confirmando a afirmação com os mitos de Prometeu, Pandora e das Cinco Idades; neste último procura exemplificar a degradação sucessiva da humanidade que vai acompanhando a descida de valor dos metais e aparece motivada pela irreflexão, insolência e violência, pelo desaparecimento do temor dos deuses, até que, adiantada a idade do ferro, os progenitores serão desonrados, os hóspedes desrespeitados, os juramentos não serão cumpridos, a justiça estará na força; então a Vergonha (*Aidós*) e a Justiça (*Dike*), abandonando a vasta terra, partirão para o Olimpo, tornando a vida e coexistência impossíveis. Como refere Hesíodo nos versos finais do mito (vv. 200-201), «contra o mal não mais haverá defesa»; para o homem, só «penosas dores restarão»<sup>12</sup>.

Conta em seguida o αἴνος ou fábula do gavião e do rouxinol (vv. 202-212) – a primeira vez que na literatura grega aparece um fábula de temática animal<sup>13</sup> –, em que Hesíodo coloca na boca do primeiro, que representa os poderosos, este discurso insolente (vv. 207-212):

"Insensato, por que gritas? Agora estás nas garras de quem é muito mais forte.

210 Irás para onde eu te levar, por bom cantor que sejas;  
se me apetecer, refeição farei de ti ou te deixarei ir em liberdade.  
Louco de quem pretende medir-se com os mais poderosos;  
vê-se privado da vitória e à vergonha associa sofrimentos".  
Assim falou o gavião de voo rápido, a ave de longas asas.

Ou seja, os poderosos cortam por onde querem e decidem como entendem e de nada vale o pequeno, o homem do povo, ter voz maviosa, como o rouxinol, protestar e falar de justiça. A fábula é bem explícita e simboliza assim o reino da lei da força, da iníqua justiça dos magistrados ou, para usarmos as palavras de Hesíodo, dos «reis comedores de presentes» (vv. 38-39: *basilêes dorofágoi*) a quem Perses peitou para deles obter as sentenças que lhe convinham. Daí que, nos versos imediatos à citada fábula, dirija esta injunção ao

<sup>12</sup> - Sobre o Mito das cinco idades vide H. Fränkel, *Early Greek Poetry and Philosophy* (trad. ing. Oxford, 1975), pp. 119-121. A quarta idade, a dos Heróis, no entanto, parece contradizer a interpretação do mito que perfilhei. Penso que a sua introdução no mito foi correctamente explicada por T. G. Rosenmeyer, «Hesiod and Historiography», *Hermes* 85 (1957) 253-285 e se deve a reminiscências históricas.

<sup>13</sup> - Vide M. L. West, *The East Face of Helicon. West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth* (Oxford, 1997), pp. 319-320.

irmão, aconselhando-o a não enveredar pela *hybris* ou insolência, já que ninguém escapa à justiça de Zeus (vv. 213-218):

215 Mas tu, Perses, escuta a justiça e não alimentes a insolência  
que é um mal para o homem de baixa condição; nem mesmo o nobre  
a pode com facilidade suportar e por ela é esmagado,  
ao cair em desgraça. Melhor é o caminho que, por outro lado,  
leva às obras justas. A justiça triunfa da insolência  
e por fim chega. É sofrendo que o insensato aprende.

Estes conselhos concordam com o sentido geral do “Mito das cinco idades”, em que os homens se vão degradando e provocam a sua queda sucessiva, por serem insensatos, insolentes, ímpios, violentos. Por isso, na mesma linha do mito, Perses — ou o homem — deve escutar a justiça e não alimentar a *hybris*, porque esta leva à desgraça e quem a praticar, nobre ou de baixa condição, será esmagado, já que sempre a «justiça triunfa da insolência», obrigando o insensato, mesmo sem querer, a aprender pelo sofrimento<sup>14</sup>. E Hesíodo insiste: se alguém se serve da força para adquirir fortuna (v. 321) ou deixa que o lucro engane a mente e a desvergonha vença a vergonha (vv. 323-324), então os deuses abatem-no e em breve a fortuna segue o mesmo caminho (vv. 325-326).

Estabelecidos estes pressupostos, o poema passa a contrapor a cidade justa, que vive em paz e é próspera, à cidade injusta, que está em guerra, definha e se deita a perder; ou dito de outra forma a cidade governada pela lei e pela justiça à cidade governada pelo crime (vv. 225-247). Este contraste termina por uma exortação aos governantes sobre a justiça (vv. 248-273), a incitá-los a proferirem palavras rectas, tendo em mente que, «presentes no meio dos homens, / os imortais verificam quantos com tortuosas sentenças / se consomem uns aos outros, sem cuidar no castigo dos deuses» (vv. 249-251), e que Dike, a Justiça, é uma deusa, filha de Zeus, que se senta junto do pai e denuncia os homens injustos que a ofendem, maquinando enganos e proferindo sentenças iníquas (vv. 256-262). Daí que, numa espécie de interpretação da fábula do rouxinol e do gavião, aconselhe, de novo, o seu irmão Perses a escutar a justiça e a esquecer de todo a violência (vv. 274-275), já que Zeus concede a felicidade a quem «proclamar sentenças rectas» e estabelece como fronteira distintiva entre homens e animais a utilização da justiça ou o uso da violência (vv. 276-281):

---

<sup>14</sup> - Não posso deixar de aproximar este passo ao do Hino a Zeus do *Agamémnon* de Esquilo (vv. 160-191) que assenta no conceito de que o sofrimento faz aprender, por obrigar a reflectir.

Esta é a lei que aos homens impôs o filho de Cronos:  
 aos peixes, às feras e às aves aladas determinou  
 que se devorassem uns aos outros, pois não há justiça entre eles;  
 mas aos homens concedeu a justiça que é de longe o melhor  
 280 dos bens; se alguém quer proclamar justas sentenças,  
 por conhecer a verdade, dá-lhe a felicidade Zeus omnividente.

Versos muito significativos estes, pois neles Hesíodo sobreleva de tal modo a justiça que, em vez de distinguir os animais dos homens pelo uso, ou melhor, pela posse da razão — noção que, entre os Gregos, só aparecerá mais tarde com Parménides —, coloca a fronteira separadora, decretada por Zeus, no recurso à violência (animais) ou numa actuação de acordo com a justiça (homens).

Assim, segundo a lei de Zeus, em vez da força e da violência, que são próprias dos animais, o homem deve praticar a justiça. Por isso, na convicção de Hesíodo, Perses, em vez de peitar os governantes e lançar mão de processos injustos para adquirir riqueza, deve antes recorrer ao trabalho que provoca o ódio da Fome e consegue a estima da «venerável Deméter de formosa coroa» (vv. 300-301), que de víveres enche a casa (vv. 302-307):

Pois a Fome sempre acompanha o homem preguiçoso  
 e os deuses e homens indignam-se contra quem no ócio  
 vive, semelhante na índole aos zangões sem ferrão  
 305 que o labor das abelhas devoram e, sem trabalhar,  
 comem; e a ti seja grato pôr em ordem os trabalhos adequados,  
 para que, na estação própria, de trigo se encham os celeiros.

Mas para Hesíodo, o trabalho não é apenas o meio justo de conseguir riqueza. O poeta considera-o tão importante à valorização que, além de meio justo para obter riqueza e para conseguir a estima dos Imortais (vv. 308-309), traz sobretudo ao homem dignidade e apresenta-se como via para a superioridade, pelo que, em oposição, o não trabalhar torna-se aviltante e motivo de vergonha (vv. 311-319):

Trabalho não é vergonha, é o ócio que traz vergonha.  
 Se trabalhares, em breve te inveja o homem ocioso,  
 porque enriqueces; à riqueza, seguem-na o mérito e a glória.  
 Na situação em que te encontras, trabalhar é melhor para ti,  
 315 se, desvias das riquezas alheias o ânimo volúvel,  
 e, dando-te ao trabalho, cuidas da subsistência, como te aconselho.  
 Não é boa a vergonha que acompanha o homem necessitado,  
 vergonha que os homens muito prejudica ou favorece:  
 a vergonha anda ligada à miséria, a confiança à riqueza.

Assim na parte inicial do poema encontramos um vigoroso elogio do trabalho e da justiça. São eles que levam à aretê ou excelência que mora em lugar escarpado. É o que proclama o seguinte apólogo, ao referir que só com esforço e suor se consegue atingir o mérito ou Aretê, enquanto o caminho que conduz à injustiça e à desgraça é plano e fácil (vv. 287-292):

290 a desgraça, podes colhê-la, e com abundância,  
facilmente; o caminho é plano e habita mesmo ao lado.  
Mas diante do mérito colocaram o suor os deuses  
imortais; longa e íngreme é a senda que leva até ele,  
árduo no início, mas quando se chega ao cimo  
torna-se acessível em seguida, por difícil que seja.

E assim, se o trabalho é o meio justo de conseguir a riqueza e de afugentar a penúria e a fome, constitui também, e acima de tudo, um dos caminhos de ascensão — penosa, é certo, mas dignificante — até à excelência.

Exaltados nesta primeira metade do poema os dois referidos valores, através de sentenças, mitos e fábulas, a restante parte dos *Erga* continua a centrar-se no trabalho — nos trabalhos agrícolas (vv. 385-617), os que Hesíodo considera mais dignos e a melhor forma de ganhar a vida e de enriquecer (lavra e sementeiras, rigor do inverno e actividades dessa estação, monda e poda das videiras, ceifa, força do verão, debulha, vindima); mas também na navegação e no comércio (vv. 618-694).

Deste modo a natureza aparece como cenário da luta constante da humanidade e não motivo de gozo ou de admiração, como acontece nos Poemas Homéricos, na descrição da ilha paradisíaca de Ogígia (*Odisseia* 5. 55-75) ou na dos edénicos Jardins de Alcínoo (*Odisseia* 7. 112-133). A natureza em Hesíodo é o local em que o homem labuta duramente, com suor procura arrancar da terra os produtos necessários à subsistência e, através do trabalho, obtém o mérito, valoriza-se, dignifica-se.

A natureza tem, pois, papel de relevo nos *Trabalhos e Dias*, não como objecto de prazer, mas como cenário do trabalho do homem, o que é evidente em particular na descrição do inverno (vv. 504-563) e do verão (vv. 582-596). Daí também que a presença do dia a dia tenha lugar preponderante no poema — o esforço diário do homem para obter da terra o sustento, seu e da família.

Se compararmos o ideal proposto por Hesíodo com a excelência ou aretê dos Poemas Homéricos — que neste caso é a coragem em combate e o saber falar na assembleia —, verificamos que, embora

também esta exija esforço, estamos perante uma visão da vida e das coisas significativamente diversa.

A *Iliada*, um poema de guerra, propõe como ideal, simbolizado no seu herói principal, Aquiles, a coragem e a superioridade em combate, como explicita um passo do canto sexto, em que Glauco, dirigindo-se a Diomedes, refere que o pai o mandou para Tróia com a recomendação insistente de ser (6. 208-210):

..... sempre valente e superior aos outros,  
a fim de não envergonhar a linhagem paterna,  
a mais conceituada em Éfira e na vasta Lícia.<sup>15</sup>

Ser sempre valente no combate e superior aos outros, para não envergonhar a linhagem paterna, é pois a excelência que visa Glauco para a sua vida<sup>16</sup>. Este ideal é, no entanto, indirectamente completado por outros dois passos que se referem a Aquiles ou com ele estão relacionados: num deles, do canto primeiro, o herói, irado pela ofensa recebida de Agamémnon, retira-se do combate (1. 490-492):

Nem frequentava a assembleia, que dá glória aos homens,  
nem o combate, mas ali permanecia consumindo  
o seu precioso tempo, com saudades do alarido e da luta.

No outro passo, integrado no célebre episódio da Embaixada a Aquiles do canto 9, Fénix diz ao seu antigo pupilo que Peleu lhe dera por missão ensinar o filho (v. 443)

a saber fazer discursos e a praticar nobres feitos.

Aquiles, o herói máximo do poema, fora portanto preparado para praticar nobres feitos em combate, mas também para conseguir impor-se na assembleia, através da arte de persuadir. O ideal da *Iliada* não é pois apenas a coragem no combate, mas inclui já uma componente intelectual. Na *Odisseia* a aretê continua a incluir a força, a coragem e

<sup>15</sup>- A tradução dos passos da *Iliada* é de M.H. da Rocha Pereira, *Hélade* (Porto, Edições Asa, 2003), pp. 40, 32 e 45, respectivamente.

<sup>16</sup>- A aretê, como é conhecido, indica de início apenas a excelência ou mérito, que pode abranger vários sentidos: a coragem em combate na *Iliada*, em Calino e Tírteu; a justiça e o trabalho em Hesíodo; a justiça em Sólon e Teógnis de Mégara, para referir apenas alguns. Só a partir de Sócrates passa a ter o significado preponderante de virtude. Sobre a aretê e sua importância na Hélade vide W. Jaeger, *Paideia* (trad. port., Lisboa Aster, s. d.), pp. 21-33; A. W. H. Adkins, *Merit and responsibility. A study in greek values* (Chicago, 1960), caps. 3 e 4 e *Moral values and political behaviour in ancient Greece* (London, 1972), *passim*.

a eloquência, mas o ideal amplia-se: passa a associar, como está bem patente no herói do poema, Ulisses, a astúcia e a habilidade em desenvencilhar-se, em todos os momentos, das situações mais difíceis.

Em Hesíodo, em especial nos *Trabalhos e Dias*, a aretê continua a exigir coragem, esforço e suor, mas é outro tipo de coragem — a do camponês que dia a dia luta com a terra e mistura o seu suor com as sementes que lhe lança, no esforço constante para adquirir a excelência humana, obtendo ao mesmo tempo os víveres de cada dia e a riqueza.

Em conclusão podemos dizer que o valor da justiça e do trabalho é tema central do poema *Trabalhos e Dias* e a justiça em toda a obra de Hesíodo. Talvez a injustiça que o poeta sofreu do irmão o tenha levado a aprofundar a ideia de direito que, para ele, é o mesmo que a justiça de Zeus<sup>17</sup>. A ideia em que Hesíodo acredita é a ordem inalterável e absoluta que faz com que no fim os bons recebam a paga e os maus o castigo. Ensina a *Teogonia* que as antigas linhagens divinas não praticavam a justiça, mas a violência, e foram superadas por Zeus que, nos *Trabalhos e Dias* (vv.276 sg.) ordenou o mundo para que os peixes, feras e pássaros se devorem mutuamente, já que não têm *Dike*, mas aos homens Zeus deu a justiça.

---

<sup>17</sup> - Vide B. Snell, *A descoberta do espírito*, pp. 76-77